

# PIB de 94 teve maior expansão desde o Cruzado

■ Indústria lidera crescimento de 5,7% e a renda per capita atinge US\$ 3.140

IBGE, Almir Parente Cronemberger. Ele destaca entre os principais fatores do plano de estabilização responsáveis pelo resultado do PIB o fim do *imposto inflacionário*, o aquecimento da demanda com a ampliação dos níveis de utilização da capacidade instalada do setor fabril e a redução do nível de desemprego.

A agropecuária e os serviços também tiveram peso importante no crescimento do PIB em 1994. O setor agropecuário — que tem um peso de 11,93% no PIB total — expandiu-se 7,47%, com destaque para a agricultura, que variou 10,44%. De acordo com os técnicos do IBGE, a expansão do produto agrícola foi provocada em grande parte pelas condições climáticas favoráveis. As produções que mais contribuíram para a variação do PIB agrícola foram a de feijão (30,4%), cana-de-açúcar (18,8%) e soja (10,7%).

O setor de serviços, favorecido pela ampliação do crédito ao consumidor, teve crescimento de 4%, que contribuiu com 40,6% do resultado do Produto Interno. Apenas o ramo de comércio teve expansão de 5,88% em 1994, com um peso de 12,86% no PIB.

Em Brasília, o presidente Fernando Henrique Cardoso recebeu com satisfação a notícia de crescimento de 5,67% do PIB em 1994. “Esses índices mostram que o Plano Real não só trouxe uma queda sustentada dos preços, como também um maior crescimento para a economia do país”, comentou Fernando Henrique.

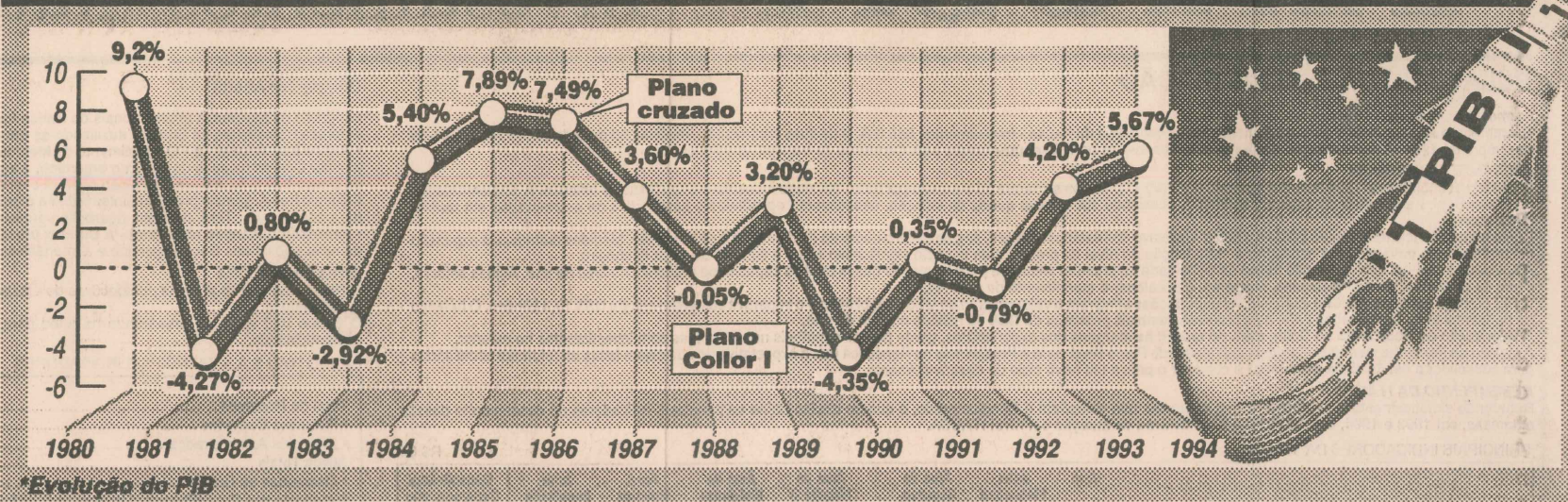
O Produto Interno Bruto (PIB) — que mede o conjunto de riquezas do país — cresceu 5,67% em 1994, o maior resultado desde 1986, período do Plano Cruzado, quando a taxa foi de 7,49%. O PIB per capita ficou 4,2% maior no ano passado, apesar de o resultado ainda ser 3,4% menor que o melhor marca alcançada pelo indicador, que foi em 1987. Este é o segundo ano consecutivo de crescimento desde 1990 e o percentual acumulado no período é de 10,1%. Os dados foram divulgados ontem pelo IBGE.

De acordo com os resultados e tomando-se como base os últimos dados monetários do Banco Central sobre o Produto Interno Bruto — que apontam um resultado de US\$ 456 bilhões em 1993 — e uma população estimada de 153,7 milhões, a renda por habitante deverá ter atingido, aproximadamente, US\$ 3.140 em 1994.

**Alavanca** — A indústria foi a principal alavanca do crescimento do PIB no ano passado. O setor deu um salto de 7% no ano e 18,2% de julho a dezembro. Com isso, contribuiu com 47,47% da variação do Produto Interno. Somente o segmento de transformação avançou 7,86% em 1994, o que correspondeu a 36,27% do PIB total. A produção de bens de capital ficou 18,6% maior em 1994.

**Aquecimento** — “O impacto do Plano Real nos setores industrial e comercial contribuiu com grande parcela desse resultado”, disse o coordenador do Departamento de Contas Nacionais do

## PÉ NO ACELERADOR\*



\*Evolução do PIB

Fonte: IBGE e FGV

## Taxa deveria ser menor em 95

RAQUEL ALMEIDA

O melhor resultado do PIB per capita dos últimos 15 anos foi registrado em 1987, por conta dos efeitos positivos do Plano Cruzado, quando o indicador alcançou US\$ 3.239, segundo dados do Banco Central. Em 1994, o resultado deverá ficar próximo de US\$ 3.140, de acordo com projeções. Para que o PIB per capita de 1995 volte ao maior patamar da série, seria necessário que a economia brasileira crescesse a uma taxa mínima de 4,84% este ano. O que não é impossível, segundo avaliação de técnicos do IBGE, mas que, ao mesmo tempo, poderia trazer consequências desastrosas para o plano de estabilização da economia.

Isso porque com os atuais níveis de utilização da capacidade instalada da indústria, a oferta de produ-

tos poderá começar a apresentar problemas, se não houver um desaquecimento. Com isso, poderá haver pressão de preços e de crescimento das taxas de inflação. O ideal agora seria que as taxas de crescimento caíssem um pouco em 1995, de acordo com economistas.

O professor Carlos Ivan Simonsen Leal, da Fundação Getúlio Vargas, alerta ainda para o fato de que a atual política cambial não tem como sustentar um crescimento nesse patamar este ano. “Crescimento muito rápido com estabilização através de um plano como este nunca existiu”, diz.

Ele lembra ainda que taxas altas de crescimento nem sempre significam o aumento da renda per capita. “Na década de 80, houve um crescimento médio de 17% em termos reais do PIB. A população cresceu a uma taxa de 23%, isto é,

a renda por habitante caiu”, explicou. Na opinião de Simonsen Leal, é preciso que haja uma maior poupança privada e estatal para sustentar níveis de crescimento altos.

O economista Paulo Levy, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), concorda que para manter a estabilização da economia é preciso dar uma freada no crescimento em 1995. Por isso, as projeções do Ipea para a taxa de crescimento em 1995 oscilam entre 3% e 3,5%. “Crescer menos agora pode ser fundamental para crescer mais à frente”, diz Levy.

Segundo ele, é fundamental não repetir os picos de crescimento e recessão da década de 80. “Crescíamos em torno de 3,5% em um ano e caíamos a taxas negativas nos anos seguintes. Os picos de crescimento não significaram nada, porque a economia ficou estagnada”, conta.